

Porque eu não sou um Vantiliano

por

W. Gary Crampton

Foi o dr. Kenneth Talbot quem primeiro me introduziu aos escritos de Gordon Clark. No seminário, eu tinha sido educado no sistema Vantiliano de apologética, e em comparação com o evidencialismo, ele parecia ser uma respirada de ar puro. Além disso, como um erudito Reformado tinha me assegurado: “Ser Reformado é ser Vantiliano, e ser Vantiliano é ser Reformado”.

Todavia, tão imprudente como fosse desafiar os ensinamentos do dr. Van Til, seu sistema me deixou sem respostas para muitíssimas questões; ele produziu uma estranha mistura de antinomias lógicas. Como alguém pode ser um pressuposicionalista e ainda crer que há provas para a existência de Deus? Como alguém pode estar no campo ortodoxo do Cristianismo e manter que o Deus da Escritura é tanto uma pessoa como três pessoas? Como alguém pode ler e entender as Escrituras, se há tantas contradições humanamente insolúveis nelas? Como alguém pode apoiar a fé cristã e ao mesmo tempo endossar uma forma de irracionalismo? A resposta a todas as minhas questões era simples: ninguém pode. E ninguém tinha que fazê-lo. Foi Clark, através de Talbot, quem apontou isso.

Mas não foi somente Clark que tinha visto os erros dos ensinamentos de Van Til. O dr. Robert Reymond¹ e o Dr. Ronald Nash² também reconheceram o irracionalismo de Van Til. E foi o discípulo de Clark, dr. John Robbins, quem nos deu a crítica mais completa do Vantilianismo até hoje.³ Na opinião deste escritor, uma leitura honesta do livro de Robbins, seguida por um estudo sério tanto das obras de Van Til como de Clark, convencerão o leitor de que o Vantilianismo é um erro. Há poucos, contudo, que estão dispostos a estudar o assunto seriamente. Eles já se decidiram, e a atitude deles parece ser: “Não me confunda com os fatos”.

1 *Preach the Word!* (Edinburgh: Rutherford House, 1988), 16-35.

2 *The Word of God and the Mind of Man* (Grand Rapids: Zondervan, 1982), 99-101.

3 *Cornelius Van Til: The Man and the Myth* (The Trinity Foundation, 1986).

Pressuposicionalismo

Onde é que Van Til se desviou? Usando o livro de Robbins como um guia, começarei com a visão de Van Til da apologética pressuposicional. O pressuposicionalismo, por definição, exclui o uso de provas para a existência de Deus. Contudo, não com o dr. Van Til. Aqui há de veras um paradoxo: dr. Van Til, que é freqüentemente elogiado como o “Sr. Pressuposicionalista”, não é um pressuposicionalista. Por exemplo, ele escreve:

Os homens devem raciocinar analogicamente à partir da natureza até ao Deus da natureza. Os homens devem, portanto, usar o argumento cosmológico analogicamente para então concluir que Deus é o criador deste universo... Os homens devem usar também o argumento ontológico analogicamente... O argumento para a existência de Deus e para a verdade do Cristianismo é objetivamente válido. Não deveríamos rebaixar a validade deste argumento para o nível da probabilidade. O argumento pode ser pobremente declarado, e pode nunca ser adequadamente declarado. Mas em si mesmo o argumento é absolutamente sadio... Assim, há uma prova absolutamente certa para a existência de Deus e a verdade do teísmo cristão (13).⁴

Essas declarações soam como Tomismo.

Ao mesmo tempo, com a sua habilidade para o raciocínio dialético, Van Til rejeita as provas da existência de Deus: “Certamente, os crentes Reformados não procuram provar a existência do seu Deus. Procurar provar ou refutar a existência de Deus seria procurar negá-lo... Um Deus cuja existência é provada não é o Deus da Escritura” (14). Mas esse é o mesmo Deus cuja existência o dr. Van Til também nos disse que pode ser provada.

A Trindade

Como o arranjo da *Confissão de Fé de Westminster* indicaria, aparte da doutrina da Escritura (CFW 1), a doutrina mais fundamental do Cristianismo é aquela da Trindade (CFW 2). A ortodoxia mantém, como tão claramente apresentado

⁴ As citações usadas neste artigo foram tiradas do livro de Robbins, onde alguém pode encontrar também o título e o número da página das declarações de Van Til. Tão bem quanto eu pude determinar, Robbins citou Van Til com exatidão. É interessante que, quando primeiramente apresentei seu livro a alguns de meus amigos Vantilianos, eles me asseguraram que se eu examinasse minuciosamente diversas das fontes, descobriria que Robbins citou Van Til injustamente. Eu o fiz, e Robbins não o citou com injustiça.

pela *Confissão*, que “na unidade da Divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade — Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo” (2:3).

Dr. Van Til objeta. Ele escreve:

Nós afirmamos que Deus, isto é, toda a Deidade, é uma pessoa... Nós devemos manter que Deus é numericamente um, Ele é uma pessoa... Nós falamos de Deus como uma pessoa; todavia, falamos também de três pessoas na Deidade... Deus é um ser uno-consciente, e, todavia, ele é também um ser tri-consciente... A obra atribuída a qualquer uma das pessoas é a obra de uma pessoa absoluta... Nós afirmamos que Deus, isto é, toda a Deidade, é uma pessoa... Nós devemos sustentar, portanto, que o ser de Deus apresenta uma identidade numérica absoluta. E mesmo dentro da Trindade ontológica devemos manter que Deus é numericamente um. Ele é uma pessoa (18-19).

Lamentavelmente, esse ensino peculiar tem se espalhado. John Frame, um discípulo de Van Til e professor de apologética no Seminário Teológico de Westminster, também diz que: “A Escritura...se refere a Deus como uma pessoa” (20). Falando da Trindade, o Vantiliano Gary North escreve: “Nós não estamos tratando com um ser uniforme; estamos tratando com Pessoas que constituem uma Pessoa”.⁵

David Chilton, outro seguidor de Van Til, escreveu: “A doutrina da Trindade é aquela de que há um Deus (uma Pessoa) que é três Pessoas distintas — Pai, Filho e Espírito Santo — e que cada uma daquelas Pessoas é o próprio Deus. Não há três Deuses — somente Um. Todavia, aquelas Três Pessoas não são formas ou modos diferentes de Deus se fazer conhecido a nós, nem devem elas serem confundidas uma com as outras; elas são três Pessoas distintas. Cornelius Van Til declarou isso tão claramente como alguém poderia fazer...”⁶

Um dos discípulos mais criativos e imaginativos de Van Til, James Jordan, adicionou outra deformação: Enquanto Van Til, Frame e North declaram que Deus é uma pessoa e três pessoas, Jordan adiciona o tri-teísmo. Ele escreve: “Em primeiro lugar, Deus é Um e Três em essência. O Pai e o Filho são Um; o Pai e o Espírito são Um; o Filho e o Espírito são Um; e os Três são Um. Isso é um mistério, e é uma realidade ontológica ou metafísica. Mas, em segundo lugar, o Pai, o Filho e o Espírito são, cada um deles, pessoas, e existem em Sociedade. Há relações entre elas”.⁷ O um e três essências de

⁵ Gary North, *Unconditional Surrender: God's Program for Victory* (Tyler: Geneva Press, 1983), 18.

⁶ David Chilton, *The Days of Vengeance* (Ft. Worth: Dominion Press, 1987), 58.

⁷ James B. Jordan, *Biblical Horizons*, No. 46, February 1993, 2.

Jordan é outro desvio da ortodoxia cristã, e a noção é tanto bíblica e logicamente falaciosa como dizer que Deus é uma pessoa e três pessoas.

Agora, é simplesmente infantil argumentar, como alguns têm feito, que essas são meramente “contradições aparentes”. Essas são contradições irreconciliáveis. É uma violação da lei da contradição dizer que Deus é uma pessoa e três pessoas, ou uma essência e três essências, ao mesmo tempo e no mesmo sentido. Mas isso é precisamente o que Van Til ensinou e o que muitos dos seus discípulos estão ensinando. É uma alquimia estranha que pode fazer $1 = 3$ e $3 = 1$.

A Bíblia

Dr. Van Til é bem conhecido por sua afirmação de que a Bíblia é cheia de paradoxos lógicos, contradições aparentes ou antinomias. De fato, ele declara que “todo ensino da Escritura é aparentemente contraditório” (25). Isso é devido, em primeiro lugar, à sua atitude para com a lógica. Enquanto os teólogos de Westminster tinham uma alta visão da lógica, Van Til não a tinha. A *Confissão*, por exemplo, declara que “todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela” (1:6). A lógica, diz a *Confissão*, é uma ferramenta necessária para ser usada no estudo e na exposição da Palavra de Deus.

Van Til, por outro lado, quase sempre fala da lógica (não do mau uso da lógica, mas da própria lógica) de uma maneira depreciativa. Por exemplo, ele fala do “logicismo” e “as categorias estáticas da lógica”. E com referência à declaração da *Confissão* citada acima, Van Til diz: “Essa declaração não deveria ser usada como uma justificação para a exegese dedutiva” (24-25). Mas a exegese dedutiva é exatamente o que os teólogos de Westminster estavam endossando.

Num capítulo intitulado “*The Religious Revolt Against Logic*” [A Revolta Religiosa Contra a Lógica], Ronald Nash escreve: “Uma vez perguntei à Van Til, se quando alguns seres humanos sabem que 1 mais 1 é igual a 2, se esse conhecimento do ser humano era idêntico ao conhecimento de Deus. A questão, pensei, era inocente o suficiente. A única resposta de Van Til foi sorrir, encolher os ombros e declarar que a questão era imprópria no sentido de que não tinha nenhuma resposta. Ela não tinha resposta porque qualquer resposta proposta presumiria o que era impossível para Van Til, a saber, que leis como aquelas encontradas na matemática e na lógica se aplicam além da Fronteira [Dooyeweerdiana]” (100). Em outras palavras, Van Til, como Herman Dooyeweerd, assumia que as leis da lógica eram criadas.

É verdade que em alguns lugares Van Til implica que a lógica não foi criada.⁸ Mas em outros lugares ele diz o oposto, isto é, que a lógica foi criada.⁹ E a diferença não é explicada dizendo que Van Til mudou suas visões; o que teria sido excelente. Antes, ela é parte do paradoxo Vantiliano.

O Vantiliano Richard Pratt é da mesma opinião: “Porque a lógica é uma parte da criação, ela tem limitações... O Cristianismo é em pontos razoável e lógico, mas a lógica encontra o fim de sua habilidade quando chega em assuntos como a encarnação de Cristo e a doutrina da Trindade”.¹⁰ Aparentemente as doutrinas da encarnação e da Trindade, no mínimo doutrinas cristãs chaves, são ilógicas. Edwin H. Palmer crê que elas o são. Com respeito à doutrina da soberania de Deus e da responsabilidade do homem, Palmer escreve em seu livro, *The Five Points of Calvinism* “Ao contrário dessas visões humanistas, o Calvinismo aceita ambos os lados da antinomia. Ele percebe que o que ele advoga é ridículo... E o calvinista livremente admite que sua posição é ilógica, ridícula, absurda e tola” (85). Certamente, se Van Til e Pratt estão corretos em suas afirmações de que a lógica é criada, então Deus não poderia pensar logicamente; nem poderia ele ter nos dado uma revelação racional.

Graças a Deus eles não estão certos. Como Clark apontou repetidamente em seus escritos, as leis da lógica são o modo de Deus pensar, e ele nos deu uma revelação racional pela qual viver. De fato, Clark declarou, Jesus chama a si mesmo de o *Logos* (palavra da qual obtemos a palavra “lógica) de Deus em João 1. Ele é a Lógica encarnada, e se haveremos de pensar de uma maneira que agrade a Deus, devemos pensar como Cristo: logicamente.¹¹

Com sua visão defeituosa da lógica, não é surpreendente que Van Til creia que a Bíblia está cheia de “contradições aparentes”. A Bíblia diz que Deus não é o autor de confusão (1Coríntios 14:33), mas Van Til diz que “todo ensino da Escritura é aparentemente contraditório” (25). A Confissão de Westminster (1:5) fala da “harmonia de todas as partes” da Escritura, mas Van Til mantém que “visto que Deus não é plenamente compreensível a nós, somos obrigados a herdar o que parece ser uma contradição em todo o nosso conhecimento” (26). Van Til e seus discípulos deleitam-se na noção de que a Bíblia é cheia de paradoxos lógicos (isto é, irreconciliáveis). Ele escreve: “Embora evitemos como um veneno a idéia do realmente contraditório, abraçamos com paixão a idéia do aparentemente contraditório” (26). A dificuldade é que Van Til não nos dá nenhum teste pelo qual possamos distinguir entre uma contradição real e aparente.

⁸ Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1980), 215.

⁹ Cornelius Van Til, *An Introduction to Systematic Theology* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1974), 92.

¹⁰ Richard L. Pratt, Jr., *Every Thought Captive* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1979), 25.

¹¹ Gordon H. Clark, *The Johannine Logos* (The Trinity Foundation, 1989 [1972]).

Em sua defesa de um Cristianismo racional, Robert Reymond argumenta contra o conceito de Van Til do paradoxo bíblico: “Se tal é o caso [que todas as verdades cristãs são finalmente paradoxais], [então]... ela condena desde o princípio como tolo até mesmo a tentativa de uma teologia sistemática [ordenada]... visto que é impossível reduzir a um sistema paradoxos irreconciliáveis, que firmemente resistem a todas as tentativas de uma sistematização harmoniosa” (29). Em outras palavras, se a visão de Van Til da Escritura é tirada de sua conclusão lógica, não poderia haver nenhum sistema de verdade bíblica.

Há realmente partes da Escritura que são “difíceis de entender” (2Pedro 3:16), mas não há nenhuma impossível de entender. Tal “revelação” não seria uma revelação de forma alguma. Gordon Clark, que argumentou decididamente contra a confusão exposta por Van Til, definiu um paradoxo como “uma câimbra muscular entre os ouvidos que pode ser eliminada pela massagem racional”.¹²

A raiz do problema aqui é a crença de Van Til de que todo conhecimento humano é (e somente pode ser) analógico ao conhecimento de Deus. Escreve Van Til: “Nosso conhecimento é analógico e, portanto, deve ser paradoxal” (26). Reymond escreve que “o que isso significa para Van Til é a expressa rejeição de toda e qualquer coincidência qualitativa entre o conteúdo da mente de Deus e conteúdo da mente do homem” (20). Reymond está certo. E esse é um erro fatal.

Clark, contudo, corrige o erro: “Para evitar esse irracionalismo... devemos insistir que a verdade é a mesma para Deus e para o homem. Naturalmente, não podemos saber a verdade sobre alguns assuntos. Mas se sabemos algo de alguma forma, o que sabemos deve ser idêntico ao que Deus sabe. Deus conhece toda a verdade, e a menos que conheçamos algo que Deus conhece, nossas idéias são falsas. É absolutamente essencial, portanto, insistir que há uma área de coincidência entre a mente de Deus e a nossa mente. Um exemplo, tão bom quanto qualquer outro, é... [que] Davi foi rei de Israel”.¹³

Clark, certamente, não está negando que haja uma diferença de grau entre o conhecimento de Deus e o nosso conhecimento — isto é, Deus sempre sabe mais do que o homem sabe. O que ele está negando é a afirmação de Van Til de que não há nenhum ponto no qual o nosso conhecimento é o conhecimento de Deus. Isto é, deve haver um ponto inequívoco onde a

12 Gordon H. Clark, *The Atonement* (The Trinity Foundation, 1987), 32. Para mais sobre o assunto de paradoxo lógico, veja meu artigo, “Does the Bible Contain Paradox?” *The Trinity Review*, Número 76, Novembro/Dezembro 1990. Nota do tradutor: Texto traduzido e publicado no *Monergismo.com*.

13 Gordon H. Clark, *The Philosophy of Gordon H. Clark*, editado por Ronald H. Nash (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1968), 76-77.

verdade na mente do homem coincide com a verdade na mente de Deus. (A diferença de conhecimento, então, é de grau, e não de tipo). Sem este ponto unívoco,¹⁴ o homem nunca poderia conhecer a verdade. Os homens não poderiam, para usar uma frase do próprio Van Til, “pensar os pensamentos de Deus conforme ele”, a menos que o conhecimento de Deus e o conhecimento possível ao homem coincidam em algum ponto.

A visão defeituosa de Van Til do conhecimento humano analógico implica o cepticismo. O próprio Van Til escreveu:

É precisamente porque eles [os colegas e seguidores de Van Til] estão preocupados em defender a doutrina cristã da revelação como básica para toda a pregação humana inteligível, que eles recusam fazer qualquer tentativa de “declarar claramente” qualquer doutrina cristã, ou a relação de uma doutrina cristã com qualquer outra doutrina cristã. Eles não tentarão “solucionar” os “paradoxos” envolvidos na relação do Deus independente para com suas criaturas dependentes (27-28).

John Frame está de acordo com Van Til. Frame parece defender a visão de Van Til da linguagem analógica quando propõe sua abordagem “multi-perspectiva” da teologia. Frame aponta que a “Escritura, por boas razões de Deus, é freqüentemente turva”. Talvez Frame tenha as parábolas em mente. Mas ele continua para traçar uma inferência inválida. “Portanto”, ele conclui numa óbvia *non sequitur*¹⁵, “não há como escapar da imprecisão na teologia, credo ou subscrição, sem colocar a Escritura de lado como nosso critério final”. Frame, como o resto da escola Vantiliana, está muito preocupado em abolir a precisão no pensamento em favor da imprecisão.

“A Escritura”, diz Frame, “não demanda precisão absoluta de nós, uma precisão impossível para criaturas... De fato, a Escritura reconhece que por causa da comunicação, a imprecisão é freqüentemente preferível à precisão... Nem é a teologia uma tentativa de declarar a verdade sem qualquer influência subjetiva sobre a formulação”.¹⁶ Alguém pode perguntar como essa imprecisão, antes do que a precisão, na teologia, ou em qualquer outra coisa no que diga respeito, é boa — uma pergunta lógica. Ah, mas há a desculpa. É uma pergunta *lógica*.

¹⁴ Nota do tradutor: Diz-se de palavra, conceito ou atributo que se aplica a sujeitos diversos de maneira absolutamente idêntica (Novo Dicionário Eletrônico Aurélio).

¹⁵ Nota do tradutor: Um argumento é chamado *non sequitur* se a conclusão não sucede das premissas.

¹⁶ *The Doctrine of the Knowledge of God* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1987), 226, 307. Para conhecer mais sobre o pensamento errôneo de Frame, veja John W. Robbins, “A Christian Perspective on John Frame,” *The Trinity Review*, Number 93, November 1992. Para uma excelente análise da abordagem de Frame da Escritura, veja Mark W. Karlberg, “On the Theological Correlation of Divine and Human Language: A Review Article,” *Journal of the Evangelical Theological Society*, March 1989, 99-105.

Aparentemente os Vantilianos se esqueceram da doutrina reformada da clareza da Escritura. A *Confissão de Fé de Westminster* a expressa desta forma: “Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas” (1:7).

Davi nos assegura claramente que o “mandamento do Senhor é puro, iluminando os olhos” (Salmo 19:8). Cristo está claramente preocupado que a sua Igreja preste atenção aos detalhes meticulosos da Palavra de Deus (Mateus 5:17-20); Pedro claramente nos diz que a medida que estudarmos, a “Palavra profética” será como uma luz que brilha em lugar escuro, brilhando mais e mais, “até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em [nossos] corações” (2Pedro 1:19); e João claramente escreve: “Sabemos que já o Filho de Deus é vindo e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro” (1João 5:20); mas os Professores Van Til e Frame estão contentes com a incerteza e imprecisão. E o que é pior, parece que Van Til e Frame não somente afirmam que há partes da Escritura que são irracionais, mas eles as defendem como apropriadamente irracionais.

O dr. Robbins tem corretamente declarado que “não há ameaça maior confrontando a igreja Cristã no final do século vinte do que o irracionalismo que agora controla toda a nossa cultura... O hedonismo e o humanismo secular não devem ser tão temidos como a crença de que a lógica, ‘a mera lógica humana’, é uma ferramenta não confiável para o entendimento da Bíblia... Os seminários mais conservadores já foram ou estão sendo vítimas do irracionalismo e da heresia na forma de Vantilianismo... Os ministros têm sido ensinados que o irracionalismo é Cristianismo. Aqueles teólogos que têm aceitado as visões de Van Til crêem que o Cristianismo é irracional” (39).

Conclusão

Cornelius Van Til tem sido exaltado como um homem cujos *insights* “estão transformando a vida e o mundo”; ele é “indubitavelmente o maior defensor da fé cristã em nosso século”; sua “contribuição para a teologia é de dimensões virtualmente Copérnicas”; ele é “um pensador de enorme poder, combinando ortodoxia inquestionável com originalidade deslumbrante”; ele é “talvez o mais importante pensador cristão do século vinte” (1-2).

Todavia, quando alguém examina a Escritura para ver se os ensinamentos distintivos de Van Til são verdadeiros (Atos 17:11), com demasiada frequência descobrirá que não o são. Pior ainda, como confio que temos visto, alguns deles são

perigosamente errôneos. Os pensamentos de Van Til podem ser “originais”, mas é a verdade e não a originalidade que deveria caracterizar a teologia cristã.

Eu não tenho de forma alguma tentado distorcer ou mal-representar os ensinamentos de Cornelius Van Til. (Nem a piedade desse homem está sendo questionada.) Cada leitor deve julgar por si mesmo a exatidão das declarações aqui feitas, e suas implicações necessárias. Leia o livro de Robbins, como eu fiz, e confira as referências; leia os livros de Clark também; então julgue.

Se esse ensaio ofende alguém, sinto muito. Mas é mais importante que a verdade seja feita conhecida, mesmo que sentimentos sejam feridos. Que não estejamos em inimizade um com o outro porque tenho procurado lhe dizer a verdade (Gálatas 4:16). Eu não sou um Vantiliano, porque o Vantilianismo não é a verdade. Ele é um corpo de pensamento que milita contra a verdade; ele não a apóia.

Robbins disse muito bem: “Voltemo-nos do Vantilianismo e ‘abracemos com paixão’ os ideais escriturísticos de clareza tanto em pensamento como na fala; reconheçamos, com Cristo e a Assembléia de Westminster, a indispensabilidade da lógica; creiamos e ensinemos, com Agostinho e Atanásio, a doutrina ortodoxa da Trindade; e defendamos a consistência e inteligibilidade da Bíblia. Então, e somente então, o Cristianismo terá um futuro brilhoso e glorioso na América e por toda a Terra” (40).

Traduzido por: Felipe Sabino de Araújo Neto
Cuiabá-MT, 13 de julho de 2005.